

**O SOFRIMENTO FEMININO E SUAS INTERFACES FRENTE A VIOLÊNCIA
DOMÉSTICA**

*Maria Stella Rosa Martins¹
João Camilo de Souza Junior²*

RESUMO: O presente artigo traz consigo a problemática da violência doméstica. O propósito foi trazer questões históricas, culturais, familiares e psicológicas que permeiam a violência, além de elucidar a necessidade de abranger a temática em discussão. A pesquisa foi feita por meio da literatura existente em artigos e livros. A Psicanálise aborda a temática do Complexo de Édipo e suas implicações na escolha do perfil amoroso, o qual, por vezes, se torna o centro das vivências femininas. Percebeu-se a existência de diversos motivos para a permanência em um relacionamento violento e abusivo, como problemáticas da infância, sexualidade, cultura, além das questões psicológicas. Além disso, foram identificados pontos nos relacionamentos violentos que vão muito além daquele momento das agressões, sendo detectada a importância da busca pelo entendimento desses conflitos, gerados psicologicamente desde a infância. Faz-se necessário mais estudos sobre o tema pela comunidade acadêmicas e social, vista a necessidade das mulheres não se exporem mais em relacionamentos que tanto as prejudicam.

Palavras chave: Violência Doméstica. Mulheres. Sofrimento.

¹ Graduanda em Psicologia, UNIFUCAMP. mariarosamartins@unifucamp.edu.br

² Mestrado em Psicologia, UFU. joacamil@unifucamp.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma revisão de literatura tendo como objetivo de estudo analisar o sofrimento feminino e suas interfaces frente à violência doméstica, posto que essa temática tem grande relevância frente à incidência dos casos diários desse tipo de violência. O artigo será norteado pela seguinte questão: o que permeia e contribui para a incidência da violência doméstica sob os pontos de vista psíquico, social e cultural. Apresenta-se, nesse sentido, uma inquietude desta autora para refletirmos sobre as razões em que se procedem essas situações.

Percebe-se que em diversos relacionamentos o homem agressor faz parte de um “sintoma” da mulher (ideia a ser trabalhada ao decorrer do texto), o qual toma várias formas entre diferentes mulheres, mas perseguem sempre um tom que ressoa com a “estranha necessidade” de ser ter aquela forma de relacionamento, haja vista as peculiares situações nas quais as mulheres se envolvem ao longo de suas vidas com mais de um homem de comportamento violento. Assim, o ciclo da violência não termina, entrando sempre em uma repetição das queixas e atos, porém com as mesmas atitudes. A questão social e cultural é também de grande relevância, ao pensarmos na idealização histórica em diversos casos de mulheres, que pelo seu sofrimento são tidas como heroínas, as quais eram retratadas em seus atos de sacrifício pela família com um tom bem visto, como um gesto glorioso e nobre (CHAGAS, 2020).

Desse modo, o presente artigo terá por intuito explorar por meio de análise bibliográfica o sofrimento feminino introduzido no contexto da violência doméstica. Será elucidado a respeito de como pode se dar a escolha de um perfil amoroso, trazendo ponderações desde a infância, relacionamento com os pais e posteriormente a escolha do parceiro afetivo. Além disso, serão trabalhados tópicos a respeito dos contextos sociais e culturais desta temática, vislumbrando identificar contextos com possibilidade de respostas sobre a permanência de várias mulheres em relacionamentos violentos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O perfil amoroso e a psicanálise

Ao desenvolver a Psicanálise, Sigmund Freud (1914) partiu do pressuposto de que o Inconsciente está articulado a diversas atitudes e escolhas humanas que fogem à compreensão inicial, cotidiana e consciente, incluindo também as escolhas amorosas nesta teoria. E ao refletir sobre o desenvolvimento das relações amorosas, trata que a escolha do perfil amoroso também possui várias nuances do que pode ser entendido como escolha inconsciente. Nesse sentido, a escolha perpassa por elementos coexistentes em nós sem nossa total apreensão, haja vista que o desenvolvimento de tal escolha se inicia em tempos primevos da vida humana, num ponto em que o sujeito sequer tem domínio sobre a chamada realidade externa e realidade interna. O pai da Psicanálise relaciona o desenvolvimento das ligações afetivas com o período fundamental no qual o sujeito transita entre o autoerotismo e a escolha objetual, momento quando o autoerotismo já não é mais considerado viável; assim, há a constatação de uma alteridade que permeará a vida humana, com o sujeito passando a apreender o seu endereçamento libidinal à representação de objetos do mundo externo, articulando a busca libidinal operacionalizada por essas representações.

Trabalhado aqui de modo breve, no caso exclusivo das meninas, Freud (1933) defende inicialmente haver um endereçamento libidinal focado na figura materna, posteriormente deslocada para o pai. Esse deslocamento se dá pelo motivo simbólico de se ter, nesse momento, a representação do falo³ na figura paterna, o qual poderia viabilizar imaginariamente a aquisição de um objeto amalgamado ao poder. Por tempos a menina irá buscar algo que lhe seja semelhante à representação paterna.

Para a psicanálise o Falo é de suma importância para a estruturação da ordem sexual. O falo e o pênis não são a mesma coisa, porém, estão relacionados. “De modo mais apurado, o que é sustentado como elemento organizador da sexualidade não é o órgão genital masculino, mas a representação psíquica imaginária e simbólica construída a partir desta região corporal do homem.” (COSTA; BONFIM, 2014).

Segundo Freud, por conseguinte, o desejo deixa de ser dispor de um pênis, e passa a ser o amor do pai, tendo sua mãe como rival, gerando assim mais uma etapa do Complexo de Édipo. Em maior idade esses pontos são endereçados a pessoas além daquelas que exerceram as funções paterna e materna, integrantes do núcleo familiar, porém o desejo de se obter “aquilo que me falta” se conserva, transferindo sua libido para modelos substitutos, como sublinhado por Freud a gestação, principalmente quando o bebê for um menino, além das questões de trabalho que poderão tentar suprir a falta daquela antiga obstinação (FREUD, 1933).

Ainda elucidado por Freud (1933) p. 80:

Pois os senhores devem saber que é muito grande o número de mulheres que continuam, ainda em idade madura, dependentes de um objeto paterno, ou, na verdade, de seu pai real. A respeito dessas mulheres com uma intensa vinculação de longa duração para com o pai, temos constatado alguns fatos surpreendentes. Sabíamos, naturalmente, que houvera um estágio preliminar de vinculação com a mãe, mas não sabíamos que pudesse ser tão rico e tão duradouro, e pudesse deixar atrás de si tantas oportunidades para fixações e disposições. Durante essa fase, o pai da menina é apenas um rival incômodo; em alguns casos, a vinculação à mãe perdura além do quarto ano de vida. Quase tudo o que posteriormente encontramos em sua relação com o pai, já estava presente em sua vinculação inicial e foi transferido, subsequentemente, para seu pai.

O autor ainda expõe (1933) p. 77:

Poder-se-ia considerar característica psicológica da feminilidade dar preferência a fins passivos. Isto, naturalmente, não é o mesmo que passividade; para chegar a um fim passivo, pode ser necessária uma grande quantidade de atividade. Talvez seja o caso de que numa mulher, com base na sua participação na função sexual, a preferência pelo comportamento passivo e por fins passivos se estenda à sua vida, em grau maior ou menor, proporcionalmente aos limites, restritos ou amplos, dentro dos quais sua vida sexual serve, assim, de modelo. Devemos, contudo, nos acautelar nesse ponto, para não subestimar a influência dos costumes sociais que, de forma semelhante, compelem as mulheres a uma situação passiva.

Dessa forma, Freud (1933) propõe que a escolha do perfil amoroso pela mulher passará pelo ideal criado por ela de homem ao qual ela gostaria de ser ou consoante

ao modelo de homem inspirado pelo seu próprio pai, ou seja, as características buscadas para um companheiro serão as mesmas que o pai tinha/tem, sendo o marido substituto das pulsões libidinais que antes eram direcionadas a quem exercia a função paterna (FREUD, 1933).

Portanto, sedimentando tal proposição freudiana, segundo Lima (2010, p. 25), sobre as escolhas amorosas, deve-se levar em consideração as questões conscientes e inconscientes, pois a linha tênue entre esses dois pode ser resultado de adversos desejos e atitudes no relacionamento, principalmente no que tange ao inconsciente, em que o vislumbre das palavras pode não ser alcançado para a explicação de suas escolhas, mas elas estão cotidianamente presentes durante toda a história do sujeito. A repetição de vivências está intrinsicamente ligada às escolhas amorosas, podendo a violência ser parte deste cenário.

Ainda com Lima:

No que concerne à escolha do cônjuge e considerando os conceitos de projeção e identificação, cabe destacar que nem sempre um padrão repetitivo de relacionamento, ao longo da vida, significa que existam dificuldades extremas na consolidação de relacionamentos conjugais felizes, mas, muitas vezes, é possível constatar a presença de características negativas, como, por exemplo, a violência nas suas mais diversas formas de manifestação. Entende-se que um protótipo repetitivo de se relacionar, assim como a presença da violência no cerne dos relacionamentos amorosos, podem sofrer influência direta do interjogo que se estabelece entre aquilo que o sujeito projeta no outro e aquilo que, desde os tempos mais primórdios, serviu-lhe de modelo identificatório. (LIMA, 2010, p. 27)

2.2 A violência doméstica contra a mulher e o seu contexto.

UNIFUCAMP - Centro Universitário Mário Palmério

Mantenedora:

Av. Brasil Oeste, s/nº, Jardim Zenith II – CEP 38.500-000
Monte Carmelo/ MG Telefone: (34) 3842 5272
- FUCAMP

site:unifucamp.edu.br – email:unifucamp@unifucamp.edu.br

Entidade

Fundação Carmelitana Mário
Palmério

A violência contra a mulher constitui um fenômeno complexo, sendo necessário um olhar multidisciplinar para seu melhor entendimento. As consequências para a vítima e seus familiares são diversas, principalmente para os filhos, e devem ser analisadas em sua singularidade (WILHELM; TONET, 2007).

Para falar sobre tal temática é de suma importância ressaltar o que se entende culturalmente a respeito de gênero feminino e masculino. Historicamente, de maneira geral, o feminino é e foi visto como algo delicado e frágil, com papéis pré-determinados destinados às mulheres. Nesse sentido, comumente mulheres são vistas como responsáveis pelas refeições, cuidados com a casa, educação dos filhos, além de terem de estar sempre dispostas a satisfazer as vontades do homem. Concomitantemente, é percebido rotineiramente que o homem prioriza sua virilidade, não podendo demonstrar fragilidade e muitas vezes fazendo da violência o seu respeito e imposição de comando sobre o sexo feminino (CASSIQUE; FUREGATO, 2006).

No contexto individual e atual, uma pesquisa feita com vítimas de violência constatou a presença de agressão física, psicológica e sexual. Nas ocorrências de violências físicas, as participantes relataram a presença de golpes, safanões ou uso de facas pelo agressor. A violência psicológica ocorre através de intimidações, vexames e ultrajes. E a agressão física tende desencadear a violência psicológica (ZACAN; WASSERMANN; LIMA, 2013). A distinção básica entre violência física e psicológica é: da primeira resultam atos hostis ao corpo da vítima, enquanto a outra abrange falas, expressões e olhares direcionados à mulher. Os ataques emocionais, as ameaças físicas e psicológicas, a coerção e controle por meio do medo, são formas de violências.

Os aspectos como humilhação, críticas, constrangimentos, desqualificação da mulher no seu papel de mãe e parceira configuram-se como expressões de violência psicológica, decorrendo-se em muitos momentos aos ataques físicos. A agressão psicológica é um tipo de violência que tende a ser ignorada pela sociedade. Os jornais relatam a violência familiar apenas no quadro intenso, quando ocorre prejuízos físicos

ou morte. Raramente a vítima busca recurso externo quando se trata da violência psicológica. As companheiras consentem e empregam explicações para os comportamentos do agressor, prorrogando suas angústias até que um episódio de violência mais grave aconteça. O olhar para a violência psicológica é tão fundamental quanto ocorre à violência física comumente (SILVA; COELHO; CAPONI, 2007).

Segundo Falchetto e Broetto (2017), em grande número, um relacionamento que se tornará violento e abusivo não começa desta maneira. A vítima inicialmente se vê com um homem completamente entregue e apaixonado, que a coloca no centro de seu “universo” e faz todas as suas vontades, um determinado dia ele fala mais alto, grita, dá um murro na parede, até que a agressão se torne física, acompanhada de palavras de desmoralização e imposição. Também segundo os autores, um relacionamento violento e abusivo é uma via de mão dupla em que se tem um que insiste nas agressões e outro que persiste em sofrê-las, cada um com sua causa.

Outra pesquisa realizada na atualidade (ZACAN; WASSERMANN; LIMA, 2013) demonstrou a presença de histórico de violência familiar anterior na vida das mulheres que sofrem violência doméstica atualmente. Tais pessoas já presenciaram cenas de violência ou foram vítimas de algum episódio de agressão durante a infância. Segundo os pesquisadores, esse fato pode exprimir a vulnerabilidade iniciada na infância e se estende para a vida adulta. Outro ponto importante da pesquisa ressalta que os companheiros das mulheres também foram vítimas de agressões na tenra idade, resultando em interferências sobre o temperamento violento apresentado por eles.

Ademais, os modelos de agressão começam num tempo remoto ao nascimento de futuros agressores, perpassando várias gerações. Nesse sentido, os exemplos de agressão familiares, quando não interrompidos, podem expandir-se através das gerações. Essa transmissão denota um baixo repertório comportamental, desencadeando num perene processo de repetição, sendo escassa a criatividade para a solução de problemas, ficando expostos aos padrões de violência (SILVA; COELHO; CAPONI, 2007).

Pensando nessa longa exposição ao padrão de relacionamentos violentos, as mulheres vítimas de violência possuem uma maior incidência de perturbações físicas, mentais e relacionamentos nos quais os parceiros interdita a realização de atividades ligadas ao trabalho e educação. Os sintomas comuns abrangem contusões físicas graves que persistem por semanas e meses após as agressões, como infecções, problemas no trato digestório, dores de cabeça, lesões musculares, dentre outros (BRASIL, 2001).

Corroborando à informação supracitada, Day *et al* (2003) apontam que a vivência da violência abala profundamente a autoestima da vítima, ampliando a possibilidade de ela apresentar transtornos mentais como depressão, pânico, estresse pós-traumático, comportamentos ligados ao suicídio, uso de álcool e outras drogas. A perturbação de diversas formas de violências e de recorrentes episódios ao longo da vida parecem se acumular. Segundo os autores, algumas pessoas não suportam as repercussões destas agressões e minam a esperança de contornar tal quadro, ficando propensas ao suicídio.

As mulheres em relacionamentos longos com parceiros violentos relatam a sensação de incapacidade de enfrentar tal contexto por receio das intimidações. A diferença de gênero apresenta maior nitidez em configurações tradicionais de relações, onde o marido aparece como responsável pelo sustento financeiro e a esposa como encarregada aos cuidados dos filhos e do lar. A figura feminina tem maior propensão a apresentar relações de submissão, que marcam a desigualdade de poderes, e a masculinidade confirma a dominação em relação à mulher (ZACAN; WASSERMANN; LIMA, 2013). Os ensinamentos familiares reforçam que a companheira possui papel de subordinação, acata as ordens impostas, tem filhos e cuida do ninho, funções socialmente construídas em torno do gênero feminino (PARENTE; NASCIMENTO; VIEIRA, 2009). Entretanto, apenas os aspectos socioeconômicos não conseguem justificar integralmente a continuidade de relacionamentos em cenários de violência, o que recai sobre a necessidade de

entender o casal a partir de elementos complexos e novas pesquisas (DEEK *et al.*, 2009).

Em conformidade a esse cenário tão degradante, muitas mulheres apresentam consciência quanto à gravidade do contexto ao qual estão inseridas, contudo se sentem sozinhas nesse processo, gerando um isolamento em que a percepção de falta de apoio prossegue a vida, mantendo-se numa relação de violência. A ideia de que o espaço familiar é protetor, em virtude dos laços afetivos e segurança dos seus componentes, é falha nesse contexto, considerando que a mulher pode ser mantida encarcerada dentro da própria casa, sofrendo humilhações diante do círculo de convivência do ofensor (WILHELM; TONET, 2007).

Nesse cenário, algumas mulheres exprimem confiança nas leis, delegacias, casas de apoio, nos centros e medidas protetivas. Outras apresentam inconformação, destacando não se sentirem protegidas por nada, ou que Deus é mais capaz de protegê-las do agressor do que o próprio Estado punir (PARENTE; NASCIMENTO; VIEIRA, 2009). A vergonha de informar a agressão física perpetrada pelo companheiro é um sentimento presente nas mulheres vítimas da agressão familiar. No momento em que denunciam os agressores, as vítimas esperam obter o suporte das instituições e nem sempre isso ocorre. Fato que pode culminar no regresso ao lar com o agressor, levando a esposa a abandonar a queixa diante das juras de amor realizada pelo companheiro, ou mesmo das intimidações que esse último pratica (DEEK *et al.*, 2009).

Uma pesquisa constatou que vítimas de violência não realizam denúncias ou se desvencilham do parceiro por se acharem indefesas, em virtude do machismo no meio social, pela insegurança de serem rotuladas e pela ausência de suporte na família e sociedade (PARENTE; NASCIMENTO; VIEIRA, 2009). Os filhos e o temor ao parceiro são algumas razões apontadas para as mulheres manterem-se nesse quadro de violência (WILHELM; TONET, 2007). A prolongação em uma relação violenta também acontece devido à esperança nutrida pela mulher do parceiro mudar

de atitude, bem como por temores perante as intimidações e controles exercidos pelo ofensor (ZACAN; WASSERMANN; LIMA, 2013).

Condições como ciúme por parte do companheiro, além do uso de álcool e outras drogas desvelam ser aspectos ativos nos motivos da violência (ZACAN; WASSERMANN; LIMA, 2013). Um estudo a partir do relato de homens e mulheres inseridos em contexto de violência constatou quatro categorias que apontam como justificativas para a violência doméstica: ciúme, o homem ser contrariado, uso de álcool e traição. O ciúme presente nos companheiros gera tensão na relação; os homens tendem a apresentar desconfiança sobre a parceira se relacionar com outros homens e demonstram ciúmes da mulher em relação às amigas e namorados anteriores, iniciando discussões e quadros de violência. E a existência de ciúmes pelo cônjuge tende a elevar o estresse do casal (DEEK *et al.*, 2009). Esse sentimento pode abarcar um tipo de controle exercido pelo homem sobre a mulher, mantendo-a por perto como um objeto ou propriedade privada, e as companheiras geralmente relatam que seus companheiros apresentam desconfiança de traição com outros homens (ZACAN; WASSERMANN; LIMA, 2013).

Grande parte das mulheres concedem ao comportamento agressivo elementos externos, como a prática de bebida alcoólica por parte do agressor. As esposas também manifestam a esperança do parceiro mudar o estilo de conduta violenta (WILHELM; TONET, 2007). O fato de ter uma ordem ou desejo contrariado é apontado pelos homens como contribuinte para a manifestação do ato agressivo. O álcool, na perspectiva deles, favorece a discussão e agressão; no sentido em que a violência possa acontecer pelo fato do parceiro não admitir que a mulher intervenha nos seus hábitos relacionados à ingestão do álcool. Isso ainda converge na mulher se sentir responsável pelo parceiro na medida em que o interpreta como doente, desenvolvendo o sentimento de responsabilização sobre o parceiro (DEEK *et al.*, 2009).

Um dos argumentos expostos para a mulher permanecer em uma conjuntura de relacionamento violento e não denunciar recai ainda sobre a hipótese da

dependência afetiva. Segundo Fabeni *et al* (2015), na codependência emocional a pessoa anula sua identidade na ideia de cativar os outros para obter gratificação, vivendo na perspectiva de satisfazer e dominar o outro.

De acordo com Fabeni *et al* (2015), em uma relação de dependência emocional, a mulher submissa ao agressor apresenta crenças de inferioridade, um amor exagerado que compromete seu bem-estar, mesmo com as agressões recebidas, elas se calam com medo de terminar o relacionamento patológico. A pessoa não se identifica como vítima no relacionamento problemático, nem se mostra capaz de enfrentar um episódio de agressão, isso a mantém atrelada na circunstância violenta (FABENI *et al*, 2015).

Desse modo, através de súplicas de desculpa e juramentos de cessar os eventos de violência, os agressores despertam na vítima a crença de que tudo será diferente. O ato agressivo do parceiro é explicado pela função de pai bondoso e marido excelente nas ocasiões não acometidas pelas violências (ZACAN; WASSERMANN; LIMA, 2013). Mulheres que confiam nas leis, instituições de apoio e centros de referências especializados, apresentam menor probabilidade de permanecer na situação da violência, modificando seu comportamento quanto à decisão de denunciar o parceiro agressor. A ausência de aspectos protetores disponíveis para a mulher e o descaso dos atores sociais frente ao problema geram consequências negativas, culminando no retorno da vítima ao cenário de violência por não identificarem uma solução ou amparo necessários. Tendo isso em vista, podem ser criadas alternativas, como o alcance a um grupo de suporte social, o treinamento de trabalhadores de saúde, a implantação de grupos de mulheres para o diálogo sobre tema, campanhas, criação de projetos públicos de saúde, dentre outras. À medida que percebem as possibilidades de solução para o problema se encerrando e o limiar da violência podendo atingir o ápice, como um assassinato, elas enfrentam o problema (PARENTE; NASCIMENTO; VIEIRA, 2009).

Um estudo demonstrou que após sofrer agressões, as mulheres procuram receber o apoio em familiares (40%), seguido de amigos ou vizinhos (16,6%), polícia

(10%), perante uma parcela expressiva (33,3%) alegar não buscar ajuda de ninguém. Ademais, 56,7% das participantes relataram o uso fármacos devido ao quadro de violência, que tendem a gerar episódios de depressão e/ou ansiedade. As mulheres possivelmente utilizam medicamentos sem acompanhamento de especialistas e acreditam que o uso dessas substâncias pode contribuir para lidar com a depressão, ansiedade, sentimento de impotência e outros estados negativos gerados no contexto doméstico. O mesmo estudo aponta que 30% dos homens utilizam bebidas alcoólicas anteriormente ou logo após os atos de violência (DEEK *et al.*, 2009).

No ano de 2006 foi decretada a Lei Maria da Penha. A inserção desta lei no Código Penal possibilita a prisão dos agressores em flagrante ou a decretação da prisão preventiva nos casos da violência. A referida lei ainda apresenta penas monetárias nas quais o réu é condenado a custear cestas básicas ou multas, além de se submeter aos programas de reabilitação e reeducação impostos pelo juiz. A lei contempla a mulher através de medidas de proteção, remoção do agressor de casa, custódia dos filhos e revisão dos direitos de bens (BRASIL, 2006). A inserção de delegacias especializadas para mulheres se trata de uma necessidade basilar, configurando-se como aspecto complementar na luta pela salvaguarda dos direitos de mulheres que experimentam episódios de violência. Não obstante, cabe destacar que somente a implantação deste tipo de serviço é insuficiente porque não garante assistência com eficiência, estima e honra para as mulheres que os utilizam. A violência empregada sobre a mulher constitui um aspecto antigo da humanidade. No Brasil, somente no fim da década de 70 esse tema gerou maior atenção social, devido ao fato de mostrarem o problema inserido na realidade diária de várias mulheres. A começar pelos anos 80, surge uma movimentação na luta e prevenção da violência contra a mulher. No ano de 1985, o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher foi fundado, apresentando como objetivo norteador à promoção de políticas sociais destinadas às mulheres, para que elas não fossem mais submetidas à segregação e tivessem igualdade no desempenho da cidadania (WILHELM; TONET, 2007).

A falta de informação está entremeada em todos os graus de ensino, desde o modo como as pessoas se relacionam violentamente no cotidiano até mesmo nos próprios serviços de atendimento às vítimas de violência. O desconhecimento é ainda maior no que se refere à identificação e manejo dos casos de violência psicológica. A prevenção deve ser refletida não apenas a partir do cenário familiar, mas das dinâmicas institucionais e sociais onde ocorrem violências cotidianas de gênero (SILVA; COELHO; CAPONI, 2007). Deve ser compreendido que sem agir sobre o cenário de gênero nos relacionamentos sociais, o quadro de agressões e desigualdades ainda são mantidos e sustentados (FABENI *et al.*, 2015).

3. METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos propostos neste artigo, foi realizado um estudo bibliográfico com objetivo de compreender o sofrimento feminino e suas interfaces referentes à violência doméstica. Segundo Barros e Lehfeld (2007), a pesquisa bibliográfica é realizada com a intenção de solucionar uma problemática ou de atingir novos conhecimentos a partir do conteúdo adquirido na pesquisa. A revisão do conteúdo foi feita de forma sistematizada, logo a pesquisa utiliza como fonte de dados a literatura sobre determinada temática, possibilitando de forma resumida um arranjo das evidências relacionadas a dada estratégia de intervenção, através da aplicação de vias sistemáticas de busca, análise crítica e síntese da informação selecionada (MANCINI; SAMPAIO, 2007).

O procedimento de análise foi organizado em função dos objetivos do presente estudo. Portanto, foi trabalhada a Psicanálise, identificando pontos sobre a temática, além de elucidar as estruturas sociais posteriormente.

Segundo Silva e Macedo (2016), o método de investigação psicanalítica se diferencia dos demais, não obtendo por vezes a concretude de algo, possibilitando a ocorrência de mudanças ao decorrer da pesquisa e discurso, baseando-se também

naquilo que não pode ser visto e tocado. Isto é, durante a escrita psicanalítica, estará sujeitando o objeto a reflexões e interpretações. Explicado por Silva e Macedo:

As interpretações produzidas são sempre provisórias e relativas ao contexto de onde surgiram. Ao emergirem a partir da leitura dos fatos clínicos, as interpretações têm um caráter interminável, podendo suscitar novas leituras do material. É esta característica de abertura a riqueza da Psicanálise, que dá espaço a novas significações e a novos caminhos investigativos para a abordagem da subjetividade humana. (SILVA; MACEDO, 2016, p. 530)

Os trabalhos publicados e utilizados para a confecção deste artigo foram realizados entre 1914 a 2020, objetivando interligar a teoria com a discussão sobre o tema da violência contra mulher, para explanar melhor as abordagens que foram trazidas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Talvez seja possível afirmar que, inerentemente, conflitos existem nos relacionamentos humanos, e de um casal não seria diferente. Cada pessoa carrega consigo uma bagagem de vivências, perspectivas, valores, sonhos que podem ser muito diferentes do parceiro(a), possibilitando divergências entre o casal. A escuta do outro é de suma importância para um relacionamento saudável, todavia há aquele casal em que a voz de um é mais ouvida e a do outro anulada. Isso se deve a vários fatores, que serão trabalhados aqui; brevemente é possível afirmar existir uma complexa gama desejante na relação desses cônjuges, desejos que se complementam através da existência da violência, violência essa que se determina por razões conscientes e inconscientes. (NEVES, 2009).

Pode ser visualizada a existência de um contexto histórico e cultural ao passar dos séculos em que as mulheres se camuflaram e se modificaram para estarem compatíveis com a expectativa da sociedade em relação a elas, ou em qual personagem elas melhor se encaixariam. Esses questionamentos trazem à tona não

apenas o contexto da violência doméstica, mas também as mudanças históricas e psicológicas da feminilidade, problemas enraizados, mas que também não retiram da mulher o lugar de sujeito pensante e responsável pelas suas ações, mesmo rodeada de conturbações, sendo assim uma transmissão cultural, levada de umas mulheres às outras desde os primórdios, e várias vezes a falta de algo foi e é suprida pelo sofrimento (RAZERA; CENCI; FALCKE, 2014).

As mulheres sempre tiveram papel calcado na construção social, são elas que “dão à luz”, seu papel maternal é visto com muita importância, as primeiras a terem contato com novos seres humanos. Elas também são vistas como o centro da família, cuidando de todos, maridos, filhos, netos, as matriarcas, dignas de admiração por todo seu sofrimento em prol do próximo. Em contrapartida as mulheres também são vistas como sexo frágil, não detentoras de força e em várias ocasiões não tendo direito à voz, essa última apresentou mudanças somente nas últimas décadas. A maternidade foi e é vista por vezes como o único papel que a mulher deveria ter na sociedade, papel esse concebido por motivações políticas e religiosas, isto é, interesses e estereótipos criados para o politicamente correto: as mulheres que seguiam à risca este papel eram respeitadas e vistas como exemplo para as demais (BORSA; FEIL, 2008).

O sofrimento feminino muitas vezes é vangloriado e ligado a uma recompensa futura, seja salvação ou reconhecimento. A dor feminina usualmente significa coragem e resistência, suportar sentimentos e sensações físicas ou psicológicas engrandecem a feminilidade. Os sacrifícios em razão da família se tornam passivos e passam despercebidos, e já estão intrinsecamente calcados na estrutura social. Assim, a mulher se cristaliza em seu sintoma. Na clínica, mulheres se queixam de dores por todo o corpo e muitas dessas são sintomas de um relacionamento que violenta a sua psique, ao mesmo tempo que o sintoma é algo incômodo em sua vida, também traz prazer (CORSO, 2016).

A conjectura social e histórica ainda é determinante no destino das mulheres; o término desse ciclo violento poderá balançar todo o contexto em que uma mulher

vive. Mesmo que a ela se desfaça da situação de violência, ainda sim encontrará problemas posteriores. Ribemboim (2013) p. 63 ilustrou isso como:

O rompimento do ciclo da violência também induz à necessidade de ressignificação dos processos de humilhação perpetuados. Para muitas mulheres, os mitos que envolvem a família, o casamento e a maternidade serão ameaçados caso a separação do agente de agressão (no caso, o companheiro) ocorra. Além disso, em muitos casos, qualquer projeto vislumbrado para além da situação de violência pode trazer consigo sentimentos de ameaça e insegurança, calcados ao longo do tempo por sucessivas agressões físicas, morais, psicológicas, patrimoniais.

Partindo para as questões elucidadas por Freud (1933), tem-se a questão das vivências infantis com grande repercussão já na idade adulta das mulheres. As escolhas envolvendo relacionamentos tem por observação a transferência do objeto de desejo depois da compreensão do relacionamento com o pai não ser possível. A mulher irá em busca de parceiros que tendem para as mesmas características paternas, há de se ouvir frases como “ele foi como um pai para mim” ou “ele lembra meu pai!”. Posto isso, é comum ouvir relatos de mulheres que diziam que nunca se submeteriam há um relacionamento abusivo, muito menos violento, que ao menor sinal de atitudes ditas não agradáveis de conviver elas iriam se afastar, entretanto aos poucos se encontram em constante repetição deste tipo de relação, queixando-se deste sofrimento que não foi percebido, foi escolhido a dedo.

Em um caso já atendido, a paciente trouxe a queixa de sofrimento extremo e relatava estar presa a algo nesses relacionamentos violentos, não conseguia se desvencilhar e por mais que em determinada semana estivesse completamente certa da decisão de terminar seu relacionamento, posteriormente o discurso era outro, no qual o parceiro mudaria e as coisas melhorariam. Ainda nessa situação, depois de algumas sessões a paciente relatou certa vez o pai dizer que ela não conseguiria conquistar sua independência e liberdade, as duas últimas quais o atual companheiro estaria a tirando aos poucos, provando o discurso do pai. Uma via de dois quadrados que se encaixam, a vítima tem seu lugar de atração por essa lógica de construção

oferecida pelo agressor, portanto ele parte de um sintoma da mulher. O lugar que a mulher está de vítima também pode ser um lugar confortável. Com o caso citado anteriormente havia uma mulher com compreensão da situação em que se encontrava e por diversas vezes optou por continuar ali, gerando vários discursos do porquê e por quem. Consequentemente existe o sofrimento, mas também o prazer (JUCÁ-VASCONCELOS; FÉRES-CARNEIRO, {sd}).

Além dos fundamentos citados, violência contra a mulher diz respeito não apenas ao ato e sim a inúmeros fatores precedentes ao ato e que permitem à mulher continuar nesta situação. A independência financeira feminina tem sido conquistada recentemente mediante várias lutas; a colaboração mútua com as despesas juntamente com o parceiro também tem aumentado; assim como o lugar da mulher no mercado de trabalho é algo que vem sendo aberto e conquistado; entretanto, ainda os casos em que o homem é o único provedor financeiro da família e que sem ele a mulher não tem onde viver são diversos. Nessa via, vários parceiros tem o poder da violência, mas também de garantir o alimento, moradia, entre outros provimentos, o que se torna um empecilho para a esposa se desvencilhar de um relacionamento agressivo, porque a ela não tem condições de arcar com as finanças da família sozinha. Em detrimento do conceito da educação ser melhor se realizada em conjunto, ideia possivelmente oriunda da infância, a família estava acima de tudo, até da violência, e a situação dos filhos também é um fator significativo. Diversas mulheres cresceram vendo os pais espancando suas mães dentro de casa, mas de alguma maneira a paternidade era vista como presença essencial na vida da criança, atropelando qualquer pensamento que dissesse o contrário (BORSA; FEIL, 2008).

Com a infância, também observa-se que as relações e vivências obtidas nesse ciclo podem determinar de várias maneiras os motivos de se viver em um contexto violento, as transmissões psíquicas geracionais acabam por se concretizar, perpetuando-se para a idade adulta e levadas posteriormente a seus herdeiros. As experiências com tios, primos e qualquer outra figura masculina eram impostas como superiores e a feminilidade diminuída. O relacionamento dos pais é a referência de

vida a dois, de modo que a convivência com os familiares na infância será percebida na vida adulta com intensidade. Já na idade adulta as mulheres podem permanecer em seus relacionamentos violentos com os filhos para que inconscientemente possam viver o que ela experienciou um dia e se enxergue ali, tentando fazer uma nova análise de seu percurso, tendo sucesso ou não nesse processo (RAZERA; CENCI; FALCKE, 2014).

Cada família terá seu contexto familiar, as tentativas de aprofundamento de estudos dessas esferas são várias, porém a singularidade de cada terá seu diferencial. A partir de Razera, Cenci e Falcke (2014):

A família é provedora do sustento biológico, físico e emocional, é a instância que tem maior responsabilidade sobre a formação do sujeito, tornando-o apto a conviver com outras pessoas, com a sociedade e até mesmo para constituir uma nova família. Faz parte de todo esse processo a comunicação verbal e não verbal, pois é através dela que a família pode acionar o sujeito emocionalmente, ditar regras e, inclusive, internalizar os seus conceitos e legados.

Ainda existe dificuldade em se compreender a violência doméstica, vista a quantidade de outros tipos de violência existentes, muitos acreditam que existe violência somente fora de casa. O espaço familiar continua sendo um lugar conhecido unicamente por aqueles que o habitam e pode não ser tão perfeito quanto é trazido por gerações, as rachaduras presentes e muitas vezes são cobertas para ter-se um novo respirar, contudo com as dores e feridas ainda engasgadas. Constantemente a estagnação é predominante e o silêncio acaba sendo o melhor aliado da mulher, visto que a situação de violência é tão estridente que faz com a mulher se encontrar em uma posição de aceitar os murros, tapas e lesões, já não se tem folego para resistir e se opor, além da dificuldade de falar sobre seu sofrimento para sociedade, uma vez que a mesma naturaliza certas situações e as colocam como banais e cotidianas, não deixando espaço para mudança, em razão da crença do espaço familiar ser correspondente a cada um que nela está e não aos agentes externos a ele (DINIZ; ANGELIM, 2003).

A dependência emocional também motiva a falta de denúncia. O medo de perder o companheiro amado ou que se acredita amar faz desaparecer todas as dores e no lugar alojar um sentimento de pertencimento àquela pessoa e se convencer do seu lugar ser aquele, e que por mais que exista o indesejado também traz o desejo e o prazer. A mulher violentada diz amar a todo custo, porém ela também pode estar querendo ser amada da mesma maneira, sendo esse ato visto como benigno e cordial, trazido para o narcisismo. (PORTO; BUCHER-MALUSCHKE, 2014). Assim se faz o ciclo da violência, em que hora a mulher está certa de se desvencilhar do relacionamento, hora acredita que o parceiro irá se tornar uma pessoa totalmente diferente daquele que na noite passada a agrediu, talvez mais parecido com ela e hora pode se ver no companheiro e querer sair desta situação.

Ribemboim (2013) disponibilizou um documento contendo referências técnicas para atuação dos psicólogos(as) em programas de atenção à mulher em situação de violência. Nele observa-se a problemática e o enorme contexto que engloba a violência doméstica, além da necessidade de políticas públicas eficazes para fazer a mulher se sentir protegida em caso de denúncia. Foram criados eixos norteadores para melhor atuação do psicólogo. Logo, é possível verificar a complexidade dessa situação violenta, sendo necessários instrumentos para o profissional trabalhar com subsídios com intuito de fornecer melhor entendimento e acolhimento de mulheres violentadas.

A mudança deste cenário problemático no enfrento à violência demanda medidas críticas, como políticas públicas eficientes, conscientizando as pessoas e autoridades públicas para os desafios e formas de superação. A prevenção deve ser realizada com o intuito de abranger as vítimas da violência, bem como seus familiares e o próprio agressor. Desse modo, é pertinente criar um grupo de suporte social para as mulheres e seus filhos que tendem a ser dependentes do violentador. Também é importante desenvolver grupos de homens com o objetivo de favorecer o diálogo sobre a agressão, relacionamentos, gêneros e meios eficientes para resolver os problemas sem recorrer à agressão física, psicológica ou sexual. Este tema também

pode ser incluído nas escolas através de palestras, enfatizando os direitos e programas de suporte para as vítimas da violência doméstica. A conscientização social para esse problema pode desempenhar um papel importante para as vítimas no que tange à qualidade de vida e exercício saudável da sua cidadania (WILHELM; TONET, 2007).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa exploração teórica e bibliográfica, foi possível identificar a grande complexidade pertencente ao redor da violência doméstica contra a mulher, apresentando-se não como um ato isolado, mas com variáveis históricas, culturais e afetivas.

A feminilidade ainda se encontra ligada às responsabilidades que são julgadas como necessárias ao contexto feminino. Os papéis de mãe e esposa são destacados como alguns deles. O sofrimento feminino historicamente é visto como heroico, santo e digno de respeito. A doação da mulher para a família, independente do contexto em que se encontra, é o que importa. Podendo ser exemplificado este fato com uma obra milenar grega nomeada “*Alceste*”, retratando a doação feminina em que pelo amor por seu marido *Alceste* morreu, mostrando coragem, força e bravura. A tragédia na obra ilustrou o quão fiel seria a mulher em um relacionamento e o quanto o seu sacrifício foi visto como um ato extremamente heroico e genuíno, abordando dúvidas se o homem faria o mesmo por sua esposa, sendo *Alceste* digna de devoção pelos leitores da obra (SCHNEIDER; SOERENSEN, 2011).

O lugar da mulher na sociedade vem sendo reconstruído aos poucos e com isso algumas questões têm sido trazidas à tona, tais como a submissão e a exploração físicas e psicológicas articuladas às posições sociais em torno do que se cultiva culturalmente.

Foi possível visualizar com os textos retratados neste artigo que a violência está muitas vezes enraizada na mulher, sendo sempre o relacionamento violento uma

repetição de traumas não resolvidos e contextos infantis tangentes em toda sua vida. Posto isso, observa-se a necessidade do amparo e ajuda profissional que estas mulheres carecem para se compreenderem melhor de dentro para fora, compartilhando seus prazeres e desejos, entendendo melhor suas decisões e o porquê delas, para assim haver uma possível mudança.

Vale por fim ressaltar a importância da comunidade acadêmica se empenhar nas buscas por maior compreensão desses eventos e pela subjetividade envolventes em cada caso de violência doméstica contra a mulher. A fala social e explicação sobre o que é esta violência, apoio psicológico e investimentos na psicoeducação podem ser instrumentos importantes para combater a violência doméstica e ressignificar o conceito de vida sem tamanhos desprazeres.

ABSTRACT: This article brings with it the issue of domestic violence. The purpose was to bring up historical, cultural, family and psychological issues that permeate violence, in addition to elucidating the need to bring the issue under discussion. The research was carried out through existing literature in articles and books. Psychoanalysis brings up the issue of the Oedipus Complex and its choices in choosing the love profile, which often becomes the center of women's experiences. It was noticed that there are several reasons for staying in a violent and abusive relationship, such as childhood issues, sexuality, culture, in addition to psychological issues. In addition, it was identified that the issues that permeate violent cases go beyond that moment, considering the importance of seeking knowledge about problems, which are psychically generated since childhood. There is a need for more studies on this theme by the academic and social community, given the need for women not to expose themselves to the separation that harms them so much.

Keywords: Domestic Violence. Women. Suffering.

REFERÊNCIAS

UNIFUCAMP - Centro Universitário Mário Palmério

Mantenedora:

Av. Brasil Oeste, s/nº, Jardim Zenith II – CEP 38.500-000
Monte Carmelo/ MG Telefone: (34) 3842 5272
- FUCAMP

site:unifucamp.edu.br – email:unifucamp@unifucamp.edu.br

Entidade

Fundação Carmelitana Mário
Palmério

BARROS, A.; LEHFELD, N. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. Ed. São Paulo: Editora Pearson Prentice Hall, 2007.

BORSA, J. C.; FEIL, C. F. **O papel da mulher no contexto familiar: uma breve reflexão**. Disponível em: < https://www.researchgate.net/profile/Cristiane-Feil/publication/303208368_O_PAPEL_DA_MULHER_NO_CONTEXTO_FAMILIAR_UMA_BREVE_REFLEXAO/links/5738f27308ae9f741b2bde8f/O-PAPEL-DA-MULHER-NO-CONTEXTO-FAMILIAR-UMA-BREVE-REFLEXAO.pdf>. Acesso em: 12 de abr. 2021

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Violência intrafamiliar: Orientações para prática em serviço**. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. Disponível em: < https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd05_19.pdf>. Acesso em: 16 de jun. 2021

BRASIL. Presidência da República. **Lei 11.340 de 7 de agosto de 2006**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm>. Acesso em: 16 de jun. 2021.

CASIQUE, L.; FUREGATO, A. R. F. **Violence against women: theoretical reflections**. Revista Latino-Americana de Enfermagem, vol. 14, no 6, dezembro de 2006, p. 950–56. Disponível: <<https://www.scielo.br/j/rlae/a/PKjsM9ngxJXf7VTpHkx4GGs/?lang=en#>>. Acesso em: 12 de mai. 2021.

CHAGAS, L. F. **O ciclo da violência: psicanálise, repetição e políticas públicas**. Editora Dialética, 2021. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=JXYWEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=o+sintoma+e+a+violencia+dom%C3%A9stica+psicanalise&ots=ICtRrKZHSm&sig=a9IG4Hf9Y-AbMLy4kXD_DpME9ik#v=onepage&q&f=false> Acesso em: 03 de jun. 2021.

COSTA, A.; BONFIM, F. **Um percurso sobre o falo na psicanálise: primazia, querela, significante e objeto a**. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, vol. 17, no 2, dezembro de 2014, p. 229–45. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/gpzcvrZkmPnjzNHCpFVNJ3w/?lang=pt__> Acesso em: 10 de jun. 2021.

DAY, V. P. *et al.* **Violência doméstica e suas diferentes manifestações**. Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul, Porto Alegre, v. 25, supl. 1, p. 9-21, abr. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082003000400003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 de jun. 2021.

DEEKE, L. P. *et at.* **A dinâmica da violência doméstica: uma análise a partir dos discursos da mulher agredida e de seu parceiro**. Saude soc., São Paulo, v. 18, n.

2, p. 248-258, jun. 2009. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902009000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 de jun. 2021.

DEL CORSO, M. G. R. **De que padecem as mulheres? O (in)suportável do sofrimento**. Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise. São Paulo, 2016.

DINIZ, G. R. S; ANGELIM, F. P. **Violência doméstica: por que é tão difícil lidar com ela?**. Revista de Psicologia da UNESP, Brasília, v. 2, n. 1, p. 20-35, dez./2005.

FABENI *et al.* **O discurso do “amor” e da “dependência afetiva” no atendimento às mulheres em situação de violência**. Rev. NUFEN, Belém, v. 7, n. 1, p. 32-47, 2015. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912015000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 de jun. 2021.

FALCHETTO, G. N; BROETTO, T. O. M. **Amores abusivos: sob o olhar delas**. São Paulo: 1ª ed. 2017. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/156570/000899691_livro.pdf?seq> Acesso em: 10 de jun. 2021.

FREUD, S. Paulo César de Souza (Trad.). **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos**. (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Disponível em <<https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/12900.pdf>> Acesso em: 06 de jun. 2021.

FREUD, S. **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise**. V.22. 1932-1936.

JUCÁ-VASCONCELOS, H.; FERES-CARNEIRO, T. **Transmissão psíquica geracional: um estudo sobre violência conjugal contra mulheres**. Psicologia – USU. Saberes e questões. Disponível em:
<https://mail.google.com/mail/u/0?ui=2&ik=e7da727dae&attid=0.1&permmsgid=msg-a:r2635139699250062902&th=17a315d463107bb6&view=att&disp=inline&realattid=f_kq7dkb6x0> Acesso em: 12 de abril. 2021.

LIMA, G. Q. **Mulheres Que Sofrem Violência Doméstica: Contribuições Da Psicanálise**. Psicologia Em Estudo, vol. 16, no 4, dezembro de 2011, p. 511–20. Disponível em:
<<https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/4788/1/000421569-Texto%2BCompleto-0.pdf>> Acesso em: 24 de abr. 2021.

NEVES, A.S. **Família no singular, histórias no plural: a violência física de pais e mães contra filhos**. Uberlândia, EDUFU, 2009.

PARENTE, E. O.; NASCIMENTO, R. O.; VIEIRA, L. J. E. S. **Enfrentamento da violência doméstica por um grupo de mulheres após a denúncia.** Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 445-465, ago. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2009000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 de jun 2021.

PORTO, M.; BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F.. **A permanência de mulheres em situações de violência: considerações de psicólogas.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, vol. 30, no 3, setembro de 2014, p. 267–76. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ptp/a/ydHLwC8gcd9967nt7WzPZ6g/?lang=pt>>. Acesso em: 12 de jun. de 2021.

RAZERA, J., et al. **Violência Doméstica e Transgeracionalidade: Um Estudo de Caso.** Revista de Psicologia da IMED, vol. 6, no 1, junho de 2014, p. 47–51. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Denise-Falcke/publication/284345309_Violencia_Domestica_e_Transgeracionalidade_Um_Estudo_de_Caso/links/578799d608aedc252a935ed4/Violencia-Domestica-e-Transgeracionalidade-Um-Estudo-de-Caso.pdf>; Acesso em: 12 de mai. 2021.

RIBEMBOIM, C. G. (Org.). **Referências técnicas para atuação de psicólogos (os) em Programas de Atenção à Mulher em situação de Violência.** Conselho Federal de Psicologia, Brasília – DF: 1ª ed. 2013. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/05/referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologas.pdf>>. Acesso em: 28 de mai. 2021.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. **Estudos de Revisão Sistemática: Um Guia Para Síntese Criteriosa Da Evidência Científica.** Revista Brasileira de Fisioterapia, vol. 11, no 1, fevereiro de 2007, p. 83–89. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbfis/a/79nG9Vvk3syHhnSgY7VsB6jG/?lang=pt>>. Acesso em 06 de mai. 2021.

SCHNEIDER, C. L.; SOERENSEN, C. **O caráter heroico do sacrifício de Alceste.** Travessias, vol. 5, no 3, dezembro de 2011. Disponível em: <[saber.unioeste.br, http://saber.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/5825](http://saber.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/5825)> Acesso em: 07 de jun. 2021.

SILVA, C. M.; MACEDO, M. M. K. **O Método Psicanalítico de Pesquisa e a Potencialidade dos Fatos Clínicos.** Psicologia: Ciência e Profissão, vol. 36, no 3, setembro de 2016, p. 520–33. DOI.org (Crossref), Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/FvV7ZY3SzJRf7rgLzVGjPpm/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 07 de jun. 2021.

SILVA, L. L.; COELHO, E. B. S.; CAPONI, S. N. C. **Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica.** Interface (Botucatu), Botucatu, v. 11, n. 21, p. 93-103, abr. 2007. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832007000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 de jun. 2021.

WILHELM, F. A.; TONET, J. **Percepção sobre a violência doméstica na perspectiva de mulheres vitimadas**. *Psicol. Argum.*, Curitiba, v. 25, n. 51, p. 401-412, out./dez. 2007. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20047/1933>>. Acesso em: 16 de jun. 2021.

ZANCAN, N.; WASSERMANN, V.; LIMA, G. Q. **A violência doméstica a partir do discurso de mulheres agredidas**. *Pensando fam.*, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 63-76, jul. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2013000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 de jun. 2021.